



RESENHA

Teresa Moure. *Linguística eco- O estudo das línguas no antropoceno*. Santiago de Compostela: Através Editora, 2019, 195p. Prólogo de Juan Carlos Moreno Cabrera, Catedrático de Linguística Geral da Universidad Autónoma de Madrid.

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM/CNPq)

A autora do livro ora resenhado já havia publicado outro, em galego, na mesma linha, em 2011, intitulado *Ecolinguística: entre a ciência e a ética*, resenhado em *ECO-REBEL* v. 1, n. 2, p. 117-120, 2015 (<http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/10069/8896>). *Linguística eco- o estudo das línguas no antropoceno* está escrito "numa variedade galega do português", como está dito na página 4. Teresa Moure é Professora Titular de Linguística Geral na Universidade de Santiago de Compostela. Ela é linguista, mas "seu interesse pelas línguas é também político, como ativista, e artístico, como escritora de ficção". Isso pode ser visto, entre a suas diversas publicações, no livro de poesia *Eu violei o lobo feroz* (Através, 2013), nos romances *Herba moura* (Editora Xerais, 2005), *Uma mãe tão punk* (Chiado, 2014) e *Ostrácia* (Através, 2015), bem como no ensaio *Politicamente incorreta* (Através, 2014), entre outras obras. Em 2017, recebeu os prêmios Acuorum pelo relato *Águas Livres* (2017) e Manuel Murguía por *Semântica oculta de Mrs. Hockett*.

O livro *Linguística eco-* está dividido em seis capítulos, cada um deles com diversos subcapítulos, além de "Exercícios" e "Propostas" para os estudantes/leitores. Isso já aponta para o fato de ser um livro feito para ser usado em aulas de Linguística, em geral, e de Ecolinguística em especial. Por ser uma ativista, Teresa Moure não se contenta com apenas fazer linguística teórica que, aliás, ela faz muito bem, demonstrando ter muito conhecimento sobre as teorias linguísticas existentes no mercado. Vejamos um pouco de seu conteúdo.

No primeiro capítulo, intitulado "Ecologia e linguística, um híbrido não tão estranho" (p. 19-26), Teresa Moure procura justificar para que introduzir mais uma disciplina linguística. Para ela, ecolinguística, ou linguística eco-, não é apenas isso. Ela seria uma disciplina que procuraria reinserir a língua no ecossistema a que os usuários pertencem, nesta época do antropoceno. Por exemplo, na sua Galiza nativa, a maioria das pessoas já não conhece grande parte dos espécimes da fauna e da flora.

O segundo capítulo, "A linguística no conjunto do conhecimento", começa explicitando que a tarefa do linguista em geral não é meramente o de ser "especialista nas palavras e os seus usos", como fazem os gramáticos normativistas, como se a língua fosse uma coisa (um instrumento de comunicação). Citando Saussure, Sapir, Whorf, Hockett e Haugen, Moure começa o subcapítulo "O paradoxo da unidade e a diversidade" refutando a ideia babélica de multilinguismo como castigo. Para ela, a "diversidade linguística" "deveria ser vista como uma benção, visto que faz possível adaptação a um mundo complexo". Como ela salienta já no primeiro Exercício do livro, cada língua é uma maneira de ver o mundo, de modo que

categorias como a evidencialidade, existente em línguas aruaque e tucano são importantes não por ser algo para o linguista ostentar como exotismo, mas para mostrar como as línguas representam visões de mundo diferentes. Em suma, isso mostra mais uma vez a necessidade de se valorizar a linguodiversidade. A teoria universalista sugere que todas as línguas são em princípio iguais, portanto, não é necessário se preocupar com especificidades da língua x, y ou z. É preciso que haja não apenas "linguistas de bata" (teóricos, de gabinete), mas também "linguistas de bota", aqueles que vão a campo ver como as pessoas se comunicam no seu dia a dia. Segundo a autora, "a linguística eco- tem um profundo enraizamento na metodologia de bota".

O terceiro capítulo, "As línguas do mundo como material ecológico", começa mostrando que o relacionamento da "ciência da linguagem" com as "línguas" não tem sido neutro. A linguística tem trabalhado aparentemente no sentido da "consolidação das línguas vernáculas europeias", mas, na verdade, "só parecia interessante estudar a gramática de certas línguas", como um "sistema de comunicação" e, no caso, quanto mais amplo o domínio em que essa comunicação se dá melhor, o que leva a se supervalorizar determinadas línguas, majoritárias. Para Moure, "os estados pretendem evitar que as minorias sintam orgulho do seu património -- da sua língua, da sua história, das suas diferenças". Aqui se discute ainda a questão do número de línguas existentes no mundo, sugerindo que a contagem exata é impossível. Só faltou dizer, como faz a linguística ecossistêmica, que isso se deve em parte ao fato de não haver uma linha divisória nítida entre "língua" e "dialeto", como Max Weinreich já havia sugerido: "língua é um dialeto com um exército e uma marinha".

O quarto capítulo, "A morte de línguas", está voltado para a obsolescência ("esmorecimento") linguística, como o próprio título já sugere. Muitos linguistas do passado citam sempre latim, grego, acádio, hitita e lídio como línguas mortas. Mas, como salienta Tove Skutnabb-Kangas (ver artigo dela neste número de *ECO-REBEL!*) as línguas continuam morrendo na atualidade, e a passos cada vez mais rápidos. Aliás, as línguas não morrem; elas são assassinadas. No caso do galego, por exemplo, sequer se trata de diglossia, mas de substituição (do galego pelo castelhano). As línguas minoritárias frequentemente são referidas de modo pejorativo, contrariando a perspectiva eco-, ao ponto de fazer seus falantes se sentirem inseguros, chegando, no extremo, ao suicídio, como ocorre com "os guarani-kaiowá do Brasil". A linguística é "uma disciplina marcadamente eurocêntrica. Os estudos sobre as diversas línguas nasceram sempre vinculados a práticas de domínio". Citando Ngũgĩ wa Thiong'o, vê-se que escandinavos, alemães e japoneses "não aprenderam inglês como um meio de comunicarem entre si", mas "para ajudar os falantes de inglês nas suas interações com eles", de modo que a língua é "algo mais que uma mera forma de comunicação". Ela é expressão do processo de globalização e até de um certo imperialismo. Reportando-se a Dabashi, pergunta-se "Porque é que filosofia europeia é 'filosofia', mas a filosofia africana é etnofilosofia, da mesma forma que a música indiana é etnomúsica?". O capítulo termina com uma detalhada discussão sobre a língua nativa de Teresa Moure, o galego. Ele se encontra em território espanhol, mas histórica e estruturalmente está muito mais próximo do português do que do espanhol. Como o objetivo de qualquer estado é o monolinguismo, o galego perde terreno a cada dia que passa.

Para Moure, "a defesa do galego não é tanto a defesa do que é meu [...] mas a defesa do que é justo: que corresponde a este povo como coletivo". Mas, "a origem comum entre galego e português, a expansão posterior deste como língua presente nos confins do planeta (através do nada desejável projeto da colonização) convidam, portanto, a ensaiar esta alternativa, como faz uma parte do ativismo galego atual". Aliás, "a via está a ser explorada com relativo sucesso e explica a maneira em que está escrito este texto", ou seja, "uma variedade galega do português".

O penúltimo capítulo se intitula "Ecocosmovisão", que se aproximaria da visão ecológica de mundo seguida pela linguística ecossistêmica. Começando pelo "escorregadio conceito de língua", a polêmica sobre se o galego é uma variedade de português ou vice-versa vem à tona. O segundo vingou como "língua" porque ganhou um estado. O primeiro não, porque está sendo engolido por um estado estranho. Moure afirma: "Acho que não se pode pôr em dúvida a estreita relação entre galego e português, duas formas duma língua apenas separadas por barreiras artificiosas de estado; não por verdadeiras diferenças internas. O critério da utilidade da lusofonia parece interessante para insuflar segurança entre uma população cada dia mais vinculada ou rendida ao poder do espanhol, mas, também deve ser dito, é pouco respeitoso em termos de direitos linguísticos. Por acaso as línguas teriam como principal valor a utilidade? Por acaso as pequenas comunidades do mundo têm menos direito a sua língua por esta contar com poucos falantes?" (p. 117). No fundo, no fundo, Moure aceita a ideia linguístico-ecossistêmica do ecossistema linguístico: se há um povo (P), residindo em seu território (T) e interagindo pelo modo tradicional de interagir, esse modo de interagir, sua linguagem (L) deve ser respeitado, pois, do contrário, o ecossistema linguístico "língua + povo + território" pode esboroar-se. O capítulo retoma ainda a questão da linguodiversidade, de que "muitas línguas" implicam "muitos mundos", mesmo diante da "conflituosa definição de linguagem", que oscila entre o universalismo cartesiano e "a hipótese da relatividade linguística". A autora conclui afirmando que "provavelmente as categorias linguísticas influenciem na nossa cosmovisão, mas não estamos completamente determinad@s: podemos, em qualquer momento, aplicar uma análise crítica e reagir". Pela ótica da ecolinguística, "seremos o que quisermos ser".

O último capítulo porta o título de "Jardins com unicórnios e jardins com monstros de chifre na testa", de acordo com o estilo vívido e metafórico de Moure. A metáfora das "línguas-unicórnio" remete a "línguas absolutamente abstratas". A ecolinguística, ou linguística eco-, prefere a metáfora das "línguas-rinoceronte", "exemplares reais e diversos, construindo uma taxonomia peculiar". O capítulo fala ainda em "Microcomunidades em resistência", pois, "se cada língua leva implícita uma cosmovisão, a morte de línguas implica a doutrinas tantas formas de ver o mundo". Muitas características específicas do galego hoje em dia são encontráveis apenas "na fala de pessoas de mais idade" e na "dos nossos vizinhos em Portugal". O capítulo, e o livro, termina com "três palavras sobre ecologia (e ecologias)", sugerindo que esta deve ser a orientação a ser seguida nos estudos linguísticos se se quiser encontrar uma saída para "o dilema moral das línguas minorizadas".

Por fim, nota-se que *Linguística eco- O estudo das línguas no antropoceno*, de Teresa Moure, é uma obra que convém ser adotada logo no início de qualquer curso de linguística geral e, é claro, de ecolinguística, inclusive de linguística ecossistêmica. No que concerne a esta última, o livro confirma em grande parte suas premissas. Tudo isso devido à ampla visão que descortina sobre os fenômenos da linguagem, não se confinando a determinados nichos linguístico-acadêmicos de caráter eminentemente formal. Ela propugna por uma linguística que trate de línguas reais, faladas por pessoas de carne e osso que vivem e convivem em seu território, tudo em consonância com ecossistema linguístico "povo, língua, território".